

E' outra questão que carece ser resolvida.

O que me parece é que cada choque electrico representava em relação ás filarias o effeito do raio sobre o homem: fulminava-as.

E realmente assim devia ser. O que para nós é um simples choque, para aquelles organismos rudimentares deve ser uma descarga electrica formidavel, capaz de aniquilal-as de momento.

E' com todas as reservas, porem, que avento semelhante idéa, não tendo uma prova material em que me estribe para assim affirmar. Talvez que para isso servissem o facto do embryão morto que primeiro encontrou o Dr. Victorino Pereira, o das duas grandes filarias e um embryão, todos mortos, que eu encontrei, e outros embryões mais que em outras occasiões achei tambem sem vida; mas, como isso se pode attribuir ao aperto das laminas, á ponta dos estyletes, etc., nada me atrevo a concluir de bem determinado.

Como o doente continúa sob vigilante observação, é de crer que o estudo quotidiano esclareça algumas, senão todas estas importantes questões; do que então darei conta minuciosa aos leitores da *Gazeta*.

Bahia 5 de Novembro de 1877.

---

## THERAPEUTICA -

---

CONTRIBUIÇÃO PARA A HISTORIA DA ARAROBA, PÓ DE GOA E PÓ DA BAHIA; SUA PROCEDENCIA, IDENTIDADE, COMPOSIÇÃO E PROPRIEDADES THERAPEUTICAS; ACIDO CHRYSOPHANICO

### XIV

#### Uso interno da araroba.

A primeira menção de que temos noticia, relativa ao uso interno do pó de araroba, é a que se encontra em uma nota da Redacção da

*Gazeta Medica* ao discurso do Sr. professor Cunha Vianna (no n.º de Julho de 1876, pag. 306). Os factos a que ahí se allude são de observação nossa; não continuamos as experiencias desde essa epocha, mas sabemos que o nosso amigo e collega Dr. A. Pacifico Pereira tem administrado internamente o acido chrysophanico, e que pretende publicar os resultados obtidos.

Os nossos doentes foram, sem duvida, mal escolhidos para supportarem os efeitos irritantes da araroba; os hypoemicos são muito propensos a soffrer de diarrhéa no periodo extremo da sua cachexia, e o facto de coincidir esta complicação de mau agouro com o uso de tão insignificante dose do pó (0,05 grammas) não pode constituir base para conclusão alguma.

Agora sabemos que doses muito maiores, tanto de araroba como de acido chrysophanico, foram administradas experimentalmente em Inglaterra pelo Dr. Ashburton Thompson sem os maus effects que se seguiram á nossa primeira tentativa. Animados pelo resultado d'estes ensaios, continuaremos as nossas experiencias, não com a araroba, mas com o acido chrysophanico, e com o chrysophanato de soda que mandamos preparar, o qual tem a vantagem de ser solúvel nos vehiculos aquosos.

Como o primeiro, e muito interessante e minucioso trabalho n'este sentido, e que abre novos horisontes ao uso therapeutico do pó da Bahia, cabe aqui de direito a memoria lida por aquelle distincto experimentador perante a Sociedade Harveiana, de Londres, em 18 de Janeiro ultimo.

Apezar de extenso damos este trabalho por inteiro, afim de que os nossos leitores possam avaliar o seu merito, e tenham um ponto de partida seguro para quaesquer ensaios que por ventura quizerem tentar na mesma direcção.

**Deduções de tresentas e dezenove observações da acção da chrysarobina—um novo emeto-cathartico.**

*Pelo Dr. J. Ashburton Thompson. (Brit. Med. Journ. de 19 de Maio de 1877).*

*Chrysarobina* foi o termo escolhido para designar o que é mais geralmente conhecido, por assim o terem chamado desde o principio, como pó de Goa.

Foi escolhido pelas razões seguintes: por ser o pó de Goa assim chamado só porque vae para o resto da India de um porto denominado Goa; porque o referido pó é conhecido na America do Sul como pó da Bahia, excepto na provincia d'este nome, da qual as demais partes do paiz o recebem, ao passo que n'aquella provincia lhe chamam os naturaes pó d'araroba. Mas uma vez que o pó é a parte activa de toda a arvore, em logar de continuar o termo composto—pó d'araroba—é conveniente substituil-o pela simples palavra—arobina. Ainda mais; ao passo que o pó d'araroba (ou pó velho) é pardo, o pó d'araroba (recentemente preparado) é amarello. Amarello é a sua verdadeira côr, de onde, ajuntando a *arobina* o prefixo *chrys*, fórma-se *chrysarobina*, isto é, pó de araroba amarello.

(Aqui ajunta o autor a analyse chimica do pó de araroba feita pelo professor Attfield, já transcripta em um dos precedentes artigos, no nosso numero de Agosto ultimo pag. 364).

A grande quantidade de acido chrysophanico que entra na composição da chrysarobina dá motivos para crer que elle pode constituir o seu principio activo. O pó cru e o acido extrahido d'elle teem, com effeito, a mesma acção irritante local. Um e outro produzem, quando applicados à pelle, irritação, inflammação, e mudança de côr na cutis. Um e outro introduzidos no olho em diminuta quantidade occasionam conjunctivite. E mais ainda, alguns outros vegetaes que conteem chrysarobina possuem propriedades activas que, a alguns respeitoes, são semelhantes tanto ás da chrysarobina como ás do acido chrysophanico. Assim, a labaga commum contem acido chrysophanico; e esta planta em cataplasma ou em infusão, é bem sabido ser de uso vulgar entre o povo do campo na cura de algumas affecções cutaneas; para o mesmo fim levou Sir Joseph Fayrer a chrysarobina ao conhecimento da profissão em 1874.

O senne tem propriedades purgativas, e sem asseverar que seja devida esta virtude ao acido chrysophanico que elle contem, pode-se estabelecer que purgar é uma das propriedades do acido chrysophanico tomado internamente. O mesmo, e mais ainda se pode dizer do rhuibarbo, pois que este é cholagogo, e o acido chrysophanico é um purgante de acção cholagoga decidida.

Estes factos levaram o professor Attfield a suspeitar que o acido chrysophanico podia ser dotado de qualidades therapeuticas activas;

e por indicações suas, confiaram-me os Srs. Young & Postans, a investigação clinica d'este corpo, no correr do anno de 1875.

Com excepção de uma ou duas amostras de outra procedencia, esta casa forneceu-me todos os preparados que empreguei nas 319 observações cujos resultados passarei a descrever.

O acido chrysophanico apresenta-se como um pó granuloso de bella e brilhante côr de laranja. Não tem cheiro nem gosto, e pode ser crystalisado. A resina, como se vê pela analyse do professor Attfield, é de duas especies.

Empreguei-as juntas; formam um corpo de uma côr amarella escura intensa, quebradiço e lustroso. O extracto aquoso é preto. A chrysarobina preta offerecia o aspecto usual e bem conhecido. Estes componentes foram offerecidos como perfeitamente isolados uns dos outros.

*Primeira serie de observações.*—Tudo quanto se poudé inferir a respeito do acido chrysophanico foi que elle seria levemente purgativo; pois é esta a acção que lhe attribue Schroff.

Tudo quanto a respeito d'elle se sabia era a sua poderosa propriedade irritante, manifestada pelo seu effeito sobre a pelle e a conjunctiva. Parecia possivel que elle viesse a mostrar-se irritante.

Em breve me certifiquei por uma serie de experiencias pessoases, de que em dose moderada, elle não é dotado de tanta força como isso. Ao chegar á dose de seis grãos, experimentei, quatro horas depois, sentimento de nausea, acompanhado e seguido de perturbações intestinaes, e até de engulhos; depois, allivio de todos os symptomas; deseseis horas depois, uma dejecção molle.

A seguinte dose alta foi dada a meu irmão, estudante de medicina. Jantou ás sete horas; ás oito e meia tomou oito grãos de chrysarobina feita em pilulas com a conserva de rosas; ás dez e meia vomitou; depois adormeceu; mas á meia noite accordou com vomitos. Os intestines não se moveram. Não houve depressão de forças a não ser no acto de vomitar.

*Segunda serie de observações.*—Esta comprehende noventa casos: trinta crianças e sessenta adultos.

A acção da chrysarobina é emetica e purgativa. O vomito é sempre o primeiro signal do seu effeito.

Aquelle não é acompanhado de depressão que de modo algum se

possa comparar com a que produzem o tartaro emetico e a ipecacua-  
nha. Nas doses que vou mencionar, ella não produzia esforços afflic-  
tivos de vomito; e nas crianças, assim como nos adultos, os vomitos  
variaram entre nenhum em tres, e seis em dous, do numero total.

De ordinario foram dous ou tres, muitas vezes um só. Foi muito  
mais variado o effeito sobre os intestinos—desde nenhum em poucos  
casos, até nove ou dez dejecções em poucos egualmente; as mais das  
vezes a media foi entre tres e sete. Não ha dores constrictivas no ven-  
tre, mas as nauseas continuam mais ou menos pronunciadas até  
socegarem os intestinos. As dejecções são muito aguadas, e de cõr  
tão escura que fazem lembrar a sua origem no pô ingerido. Se o vo-  
mito começa muito cedo, é certo que a acção purgativa, embora  
manifestada por uma ou mais evacuações liquidas, não será muito  
violenta; e em certos casos em que não se produziu vomito algum,  
as descargas intestinaes foram muito copiosas. Não succede sempre  
assim, todavia, nas mesmas condições, e eu concluo d'ahi, portanto,  
que umas pessoas podem supportar maior dose do que outras. Não  
posso distinguir estas pessoas, da mesma sorte que não posso calcular  
a quantidade de qualquer outro purgante de que necessita um deter-  
minado individuo a primeira vez que o vejo. Se a dose é recebida em  
um estomago cheio, isto demora o effeito, e encaminha-o para os in-  
testinos.

Pelo que respeita à dose da chrysarobina, das trinta observações  
feitas em crianças, eu deduzo as seguintes conclusões: Em dose de  
seis grãos produz effeito apenas sensivel em um menino de doze,  
onze, dez ou nove annos. Em crianças de oito e seis annos o effeito  
é incerto. Nas de cinco annos até cinco semanas produz o effeito com  
certeza; mas o tempo decorrido antes de elle começar pode variar  
entre dez minutos, e nove ou mesmo doze horas. O effeito da mesma  
quantidade não augmenta na rasão inversa da idade da criança.

(Assim, tres crianças de cinco semanas, de tres annos, e de seis  
respectivamente, mostraram effeitos exactamente identicos com uma  
dose de seis grãos). Não posso dizer de que depende esta particulari-  
dade, mas a intervenção do somno demora a manifestação de qual-  
quer effeito, e foi a causa do retardamento nos dous casos unicos em  
que decorreram intervallos de nove e doze horas.

Para os adultos adopto a dose de vinte grãos. De sessenta obser-

vações deduzo as conclusões seguintes: Um escropulo é dose moderada para um adulto, e actúa com bastante uniformidade, excepto nas circumstancias que vou mencionar. O tempo que decorre até ella começar a produzir effeito pode chegar a cinco horas, mas se a dose é bem adaptada ao individuo, isto é excepcional; quatro horas é um intervallo bastante frequente, porem duas horas ou menos é o mais commum; pode ser apenas de quinze minutos, porem rara vez é mais curto do que trinta.

Destas noventa observações concluo que a chrysarobina é, na dose de vinte e cinco grãos para os adultos, ou de seis ou mais grãos para as crianças um emeto-cathartico de um effeito isento de symptomas incommodativos; ao passo que, por outro lado, é tão certo como qualquer dos medicamentos que actúam em um ou outro d'estes sentidos, ao mesmo tempo que, o rapido e completo da sua operação, recommenda o seu emprego na maior parte d'aquelles casos em que é necessario um resultado tal como elle o produz.

(*Continúa*).

---

## HYGIENE

### VACCINA

Pelo Dr. J. Remedios Monteiro.

#### VI

Factos lamentaveis se tem dado de transmissão da syphilis pela vaccina. Estes factos, porém não depõe contra a vaccina; obrigam simplesmente a ter uma grande circumspecção na escolha d'ella. Estes factos de syphilis vaccinal, segundo quer a escola lyonesa, não provém do liquido da pustula vaccinal, mas do sangue que possa ir com elle accidentalmente. Parece-me esta questão completamente insolúvel por emquanto. Ha nella questão de facto e questão de doutrina.

Não pretendo decidir entre a escola de Lyão e a de Pariz; acho